

ASPECTOS FORMAIS E FUNCIONAIS DA TRANSITIVIDADE EM DERIVADOS DEVERBAIS

*Nubiacira Fernandes de Oliveira**

INTRODUÇÃO

Este trabalho, inserido no domínio da Lingüística Funcional Norte-Americana, segue a linha de investigação que vem sendo desenvolvida por Givón, Hopper, Thompson, Bybee, entre outros. Apresenta resultados preliminares de uma pesquisa, cujo objetivo é examinar os processos de interação entre propriedades morfossintáticas, semânticas e pragmáticas, visando ao estabelecimento de traços gerais de interpretação caracterizadores da estrutura argumental de construções deverbais do tipo *base verbal+sufixo*, em particular dos derivados em *-dor*. A fonte de pesquisa empírica é o *Corpus Discurso & Gramática: a língua falada escrita na cidade do Natal*, constituído de textos falados e escritos de tipos diversos: narrativa experiencial, narrativa recontada, descrição de local, relato de procedimento e relato de opinião. A análise se processa à luz do parâmetro Transitividade (HOPPER & THOMPSON, 1980) e da noção de categorização prototípica, tal como proposta por Taylor (1995). Nesse modelo, assume-se como pressuposto que há um paralelismo entre a categorização conceptual e a categorização lingüística e as análises lingüísticas se baseiam na utilização concreta da língua pelo falante.

1. A TRANSITIVIDADE

O termo ‘transitividade’ (do latim *transitivus* = que vai além, que se transmite), em seu sentido original, denota a transferência de uma atividade de um agente para um paciente e apresenta um componente semântico e um componente sintático. Uma cláusula transitiva descreve um evento que potencialmente envolve pelo menos dois participantes, um que é responsável pela ação, codificado sintaticamente como sujeito, e outro que é afetado por essa ação, codificado sintaticamente como objeto direto. Do ponto de vista semântico, o evento transitivo prototípico é definido pelas propriedades do agente, do paciente e do verbo envolvidos na cláusula que codifica esse evento. Em princípio, a delimitação das propriedades desses três elementos é uma questão de grau. Do ponto de vista sintático, todas as cláusulas – e verbos – que têm um objeto direto são transitivas; as que não o têm são intransitivas. Segundo Givón (2001), embora as caracterizações semânticas e sintáticas da transitividade pareçam independentes, elas se sobrepõem: a maioria das cláusulas que são semanticamente transitivas também são sintaticamente transitivas. Desse modo, se uma cláusula codifica um evento semanticamente transitivo, o agente e o paciente do evento são, respectivamente, o sujeito e o objeto direto dessa cláusula.

Tal como apresentado por Hopper & Thompson (1980), o parâmetro Transitividade é um complexo de dez traços semântico-gramaticais articulados, sendo que cada um

* UFRN

desses traços caracteriza um ângulo diferente da transferência da ação em uma porção diferente da cláusula. A oração transitiva canônica – a mais alta na escala de Transitividade – é aquela em que os dez traços do complexo são marcados positivamente. Os traços são:

1. Participantes (1 ou mais)
2. Cinese (mais ou menos ação)
3. Aspecto (mais ou menos perfectivo)
4. Punctualidade (mais ou menos punctual)
5. Intencionalidade (mais ou menos intencional)
6. Polaridade (mais ou menos afirmativa)
7. Modalidade (mais ou menos real)
8. Agentividade (mais ou menos agente)
9. Afetamento do objeto (mais ou menos afetado)
10. Individuação do objeto (mais ou menos individuado).

Esses traços também representam noções complexas, formadas por conjuntos de propriedades.

Neste trabalho, os derivados deverbais em *-dor* são tratados como construções transitivas, vez que, em princípio, instalam, num arranjo sintático menor, a estrutura argumental do verbo primitivo, embora ocorra que o derivado, assumido o seu estatuto nominal, passe a ter características sintático-semânticas próprias e controle a manifestação de sua estrutura argumental. Assim, por exemplo, ao se avaliar o problema da não expressão dos argumentos dos deverbais, cabe considerar o contexto maior do que o sintagma. Em nosso *corpus*, para alguns dos derivados sob análise, não foi preenchida totalmente a estrutura argumental dentro do próprio SN. A hipótese é que, se a estrutura sintática da frase já fornece informação sobre o (s) argumento (s) do nome verbal, dispensa-se sua expressão sob a forma canônica de periférico nominal. O argumento não vem, então, expresso, mas pode ser depreendido do contexto maior, isto é, da organização sintático-semântica do texto, em qualquer ponto dele, dentro ou fora da frase. Pode-se supor que, muitas vezes, a saturação informativa da estrutura argumental dispensa, e até impede, a expressão de argumentos, como se verifica no exemplo (1) abaixo:

- (1) ... *saí feito uma louca ... na escola ... procurando o **diretor** ... procurando o supervisor...* (*Corpus D&G*, p. 52)

Em (1), *diretor* constitui o núcleo de um predicado de dois argumentos, correspondente a ‘x dirige y’ ou ‘x diretor de y’. Nota-se, porém, que a estrutura argumental do predicado não está totalmente preenchida, ou seja, *diretor* aparece desacompanhado de seus argumentos. Acontece que, como substantivo, *diretor* traz implicitamente a representação do papel semântico Agente no sufixo *-tor*, de modo que *diretor* equivale a ‘aquele que dirige’. Por sua vez, o argumento-objeto que deveria figurar na forma do SP ‘da escola’ pode ser depreendido do quadro geral em que se realiza a predicação (situação de enunciação e enunciado maior), o que torna desnecessária a sua expressão.

A observação dos dados indica que a base verbal envolvida na produção de derivados com o sufixo *-dor* é geralmente do mesmo tipo daquela que codifica o predicado que se denomina *de ação-processo*: evento com afetamento de y, controlado

por x , sendo x o agente-prototípico. Assim, em princípio, uma oração transitiva prototípica (cf. HOPPER & THOMPSON, 1980) e uma construção deverbal em *-dor* se assemelhariam em dois pontos: classe semântica do predicado (verbo de ação ou de ação-processo) e papéis semânticos relacionados (agente ou causativo e paciente afetado).

Desse modo, entende-se que os derivados deverbais objeto desta pesquisa se apresentam como construções argumentais. Isso significa que, diversamente de sufixos nominalizadores como *-agem*, *-mento* e *-ção*, tais derivados mantêm com sua base verbal uma relação que podemos chamar de actância, em que o sufixo remete a um participante da situação, em geral o argumento agente do predicado. A atenção ao aspecto semântico leva à pesquisa dos tipos de papéis desempenhados pelos participantes ligados às ações ou processos expressos pelos deverbais (Agentivo, Instrumental, Experienciador, Objetivo, etc.).

Neste trabalho, focaliza-se apenas a manifestação do traço *Agentividade* nos derivados em *-dor*.

2.1. O COMPLEXO AGENTIVO/AGENTIVIDADE

No domínio das construções deverbais, os agentivos são entendidos como “formações que caracterizam um ser pela prática ou exercício de uma ação”. (BASÍLIO, 1980). Nessa classe estão incluídos os derivados em *-dor*, traduzíveis informalmente como ‘aquele que V’, sendo V uma forma verbal. O modo preferido pelos falantes do Português para exprimir Agentividade seria, de acordo com Basílio, o do acréscimo do sufixo *-dor*.

Constatada a existência de Agentivos com o sufixo *-dor*, passou-se a investigar o significado de toda e qualquer forma deverbal em *-dor*, a fim de observar que tipos de conteúdo semântico poderiam nelas estarem presentes, para além do agentivo. Ou seja, interessa saber se esse conteúdo é exclusivo, dominante, ou convivente com outros.

Segundo Lyons (1977), é difícil precisar a noção de agentividade. Mas o tipo padrão de agente (que serve como paradigma) é o de uma entidade animada x , que usa intencional e responsabilmente sua própria força ou energia para desencadear um evento ou iniciar um processo; e o exemplo típico de evento ou processo em que a agentividade está mais obviamente envolvida é aquele que resulta numa mudança na condição física ou locação de y , característica dos verbos de ação. O ponto de vista de Lyons é o de que cada um dos traços, ou propriedades, que compõem o conceito de agentividade padrão – traços como [Animado], [Intencional], [Responsável], [Usuário da própria força ou energia], [Modificador de si próprio ou de outrem/outro] – é destacável do conjunto, funcionando de modo independente na caracterização de situações não prototípicas, porém semanticamente aproximadas do tipo padrão. Essa idéia harmoniza-se com o conceito de *prototypicalidade*, central para a Teoria Funcionalista e para a Linguística Cognitiva, a partir do qual entende-se que categorizar uma entidade não é uma questão de saber se ela possui um determinado atributo ou não, mas de considerar o quanto as dimensões da entidade em questão se aproximam das dimensões ideais para ela. À luz da teoria dos protótipos, a agentividade seria uma propriedade escalar, e não categórica. A classe dos nomes agentivos comportaria membros que compartilham muitos traços comuns, constituindo-se nos protótipos da categoria, e entidades que compartilham apenas alguns atributos, integrando-se como

elementos marginais na referida classe. Sob essa ótica, seria possível construir formulações mais detalhadas no interior da definição de Agentividade.

A análise da definição de agente-padrão proposta por Lyons permite depreender que ela repousa em três tipos de critério: um critério de sentido, que orienta para o papel de *x*, *Desencadeador*, *Auto-afetador* ou *Afetador* de *y*; um critério de seleção denotativa, tanto do evento/situação (que deve ser dinâmico) quanto da entidade que se candidata a agente (que deve ser um animado); e critérios de seleção discursiva, pois é no discurso que se obtém a informação sobre a intencionalidade e responsabilidade da entidade animada no que concerne à mudança denotada.

Acima mencionou-se o fato de que a observação preliminar dos dados indica haver, entre os termos de uma relação oracional transitiva e os termos de um derivado verbal argumental, uma semelhança em dois aspectos: tipo denotativo (ou classe semântica) do predicado (verbo de ação ou ação-processo) e papel semântico do argumento selecionado (agente causativo e paciente afetado). Contudo, o que esses derivados parecem não se comprometer a representar, necessária e exclusivamente, é o tipo denotativo do agente prototípico, conforme será demonstrado adiante.

3. A CATEGORIZAÇÃO MORFOSSINTÁTICA DOS DERIVADOS EM –DOR

Sob o aspecto morfofossintático, a combinação de base verbal com o sufixo –*dor* produz derivados nominais do tipo substantivo ou adjetivo (e ainda categorias ambivalentes: construções que podem funcionar como substantivo ou como adjetivo a depender do contexto) com conteúdo semântico de Agentividade: caracterizam seres/entidades pela ação, atividade, efeito etc., que exercem.

Substantivo é a categoria lexical onde se enquadram muitas ocorrências de derivados em –*dor* em todos os textos examinados. Estes derivados ocorrem, ou podem ocorrer, imediatamente precedidos de Determinante e imediatamente seguidos de Verbo flexionado, tal como em (2) e (3):

(2) ... *Jorge a/ acompanhou- lhe até o local onde o **fornecedor** distribuía o material pra construção...* (Corpus D&G, p.109)

(3) ... *a escola pública ... resolveu adotar outro sistema ... colocaram **diretores** nas escolas ... **diretores** mais rigorosos ... né ...* (Corpus D&G, p.51)

Adjetivo é a classificação que se aplica à ocorrência de derivados em –*dor* precedendo ou seguindo imediatamente substantivos, tal como a forma *reparadoras* em (4):

(4) *O médico também atende pacientes queimados ..., estes são cirurgias **reparadoras**, e atendemos sem autorização prévia.* (Corpus D&G, p.268)

Reparadoras aparenta ser uma forma morfofossintaticamente monovalente, ou seja, só ocorre como adjetivo. É difícil, senão impossível, imaginar um contexto em que ela possa figurar como substantivo.

Além de poderem ocorrer nesse ambiente, as formas classificáveis como adjetivos exibem uma relação de concordância com o substantivo que seguem ou antecedem.

Há muitos derivados em *-dor* que podem aparecer tanto no contexto típico de substantivo acima mencionado, quanto no contexto típico de adjetivo. No exemplo (5), *trabalhador* é um substantivo na primeira ocorrência e um adjetivo na segunda. Uma parte do derivados em *-dor* é, pois, ambivalente, do ponto de vista da categoria morfossintática. Ou seja, embora pertença à categoria nome, ora se realiza como substantivo, ora como adjetivo.

(5) ... até então ele era um cara bem quisto ... né ... um **trabalhador** ... um cara honesto ... **trabalhador**... (Corpus D&G, p. 57)

Mas isso não é igualmente verdadeiro para todos os derivados em *-dor*. Basílio (1980) aponta casos como o de *compensador*, *tentador* e *desesperador*, que “ocorrem apenas como adjetivos”. A mesma autora menciona derivados que, em sua opinião, ocorrem apenas como substantivos. Este seria o caso de *escritor* e *ventilador*, por exemplo.

4. A FUNÇÃO SEMÂNTICA DOS DERIVADOR EM *-DOR*

Do ponto de vista de sua função semântica, os substantivos em *-dor* podem assumir os papéis de causativo, experienciador, controlador, instrumental e objeto, conforme se pode ver em (6), (7), (8):

(6) Houve uma coleta na escola para repor o material e até hoje não se sabe quem foi a **causadora** deste tremendo incêndio ... (Corpus D&G, p. 67)

(7) ... depois teve o combate ... onde era escolhidos grupos que iam lutar contra si ... o meu grupo não foi o **vencedor** infelizmente ... (Corpus D&G, p. 304).

(8) ... ela vai formar flocos e daí você pode tirar ... aí entra pro **floculador** ... nesse ... o **floculador** é o seguinte ... é um sistema rotativo ... né ... um negócio mecânico que tem lá ... (Corpus D&G, p. 196).

Os adjetivos em *-dor*, como as demais formações adjetivas, funcionam na transmissão de informação e de expressividade. Note-se que, no discurso, os adjetivos, em geral, veiculam simultaneamente essas duas dimensões. A esse propósito, confira o emprego do adjetivo **conservador** em (9):

(9) ... talvez nesse ponto eu seja meio **conservador** ... e acho que a família deve ser preservada”. (Corpus D&G, p. 161)

Observando-se o contexto maior de (9), verifica-se que esse adjetivo figura pela primeira vez no discurso. Representa, portanto, o novo e, nesse sentido, ele é altamente informativo, mas é também avaliativo, pois em seu conteúdo semântico está implicado um julgamento de valor, traço inerente ao papel semântico do adjetivo.

5. SOBRE A AGENTIVIDADE DOS DERIVADOS EM –DOR

Considerando a oração transitiva canônica, o agente prototípico pode ser definido pela presença das seguintes propriedades: *Causativo*, *Controlador*, *Animado*, *Intencional* e *Responsável*. Com relação ao derivado argumental, o causativo nem sempre denota um agente prototípico. Podem perfeitamente faltar-lhe algumas das propriedades características do protótipo. Os dados demonstram que há derivados em –dor com a propriedade *Causativo*, mas que são marcados negativamente quanto ao traço *Animado*. Enquadram-se nesse caso os deverbais que denotam instrumento, máquina, aparelho, dispositivo e peça de máquina, que embora *Causativos*, não são agentes. Neste trabalho, caracteriza-se o caso *Agente* em termos de feixes de traços semânticos, ao invés de um traço discreto (GIVÓN, 1984:107).

É fato que um derivado em –dor, como *grampeador*, por exemplo, pode referir-se a um agente prototípico, se usado virtualmente numa oração como *O grampeador de textos hoje foi Gabriel*, em que a situação denotada pela base verbal é compatível com a atuação de um ser humano. Contudo, no plano lexical, e principalmente pragmático, *grampeador* mais freqüentemente especializa-se em denotar um instrumento de grampear e não tem, portanto, propriedades de seres animados. O sentido da formação verbal, porém, continua orientado para o papel semântico *Causativo*. Verifica-se aqui, novamente, a ambivalência de um derivado em –dor, desta feita uma ambivalência não de ordem morfossintática, mas semântica: *grampeador* denota usualmente um *Instrumento*, mas pode eventualmente, em determinados contextos, denotar o *Agente*. Este parece ser o caso também de *despertador* em (10):

- (10) ... *era um galo que despertava a gente ... era um despertador e o galo era um dos componentes né ... do grupo ... ele imitava direitinho um galo ...* (Corpus D&G, p. 73)

De (10), depreende-se a seguinte informação: ‘*um dos componentes do grupo era o despertador da gente*’. No caso, *despertador* tem todas as propriedades do agente padrão. Porém, no nível lexical e pragmático, *despertador* remete sistematicamente a um objeto concreto, a um certo tipo de relógio. Conseqüentemente, não apresenta propriedades de seres animados, embora o sentido da construção derivada permaneça orientado para o papel semântico *Causativo*.

Formações adjetivas, como *conservador* em (9), que são morfossintaticamente ambivalentes (já que também podem ser usadas como substantivo em contextos específicos), distanciam-se muito do agente prototípico. Em primeiro lugar, essas construções não são denotativas e sim atributivas. Logo, não denotam seres intencionais, mas se referem a esses seres, qualificando-os. Nessa relação, parecem assimilar dos substantivos a propriedade do agente prototípico. É essa extensão de propriedades, certamente, que faculta a omissão do substantivo. Se analisados sob o prisma dos traços do complexo agentivo, derivados desse tipo compartilham com os agentes prototípicos o tipo semântico da base verbal (verbos de ação-processo) e os traços *Causativo*, *Animado*, *Intencional* e *Responsável*.

Exemplos como os apresentados acima apontam para uma redefinição e refinamento da própria categoria ‘agentivo’, de modo a permitir a inclusão de casos que se situam nos limites dessa categoria, mas ainda assim compartilham com ela aspectos morfossintáticos, semânticos e pragmáticos. São esses aspectos que, em última análise,

motivam o surgimento de novos itens lexicais na língua, por analogia ao agente prototípico ou extensão metafórica de suas propriedades. A esse propósito, considere o neologismo presente no exemplo (11), retirado de uma edição recente da revista *Veja*:

- (11) *Desde o início da rebelião, Garotinho e Rosinha evitaram a imprensa. A decisão de não dar explicações sobre a rebelião também não ajuda a compor a imagem de um executivo **resolvedor** de problemas com a qual o ex-governador sonha se apresentar aos eleitores.* (Veja, 09.07.2004 – “A Barbárie Anunciada”)

Em vista do exposto, assume-se a idéia de que a agentividade, bem como a transitividade sejam tratadas como propriedades escalares ou graduais nas construções derivadas em *-dor*, considerando-se os traços do complexo agentivo propostos neste trabalho.

Para efeito da análise preliminar ora apresentada, sugere-se a construção de uma escala provisória para avaliar o grau de agentividade dos derivados em *-dor* presentes no *corpus*. Para tanto, foram aplicados os traços do complexo de agentividade, a saber: *Causativo, Controlador, Animado, Responsável e Intencional*. Esses traços, se marcados como positivos, assinalam o grau máximo de agentividade. À medida que eles vão recebendo marcação negativa, o grau de agentividade do derivado diminui. Sobre esse aspecto, compare-se, por exemplo, o “comportamento” mais ou menos agentivo dos derivados *diretor* e *reparadoras*, que figuram, respectivamente, nos exemplos (1) e (4), repetidos abaixo:

- (1) *... sai feito uma louca ... na escola ... procurando o **diretor** ... procurando o supervisor...* (*Corpus D&G*, p. 52)
- (4) *O médico também atende pacientes queimados ..., estes são cirurgias **reparadoras**, e atendemos sem autorização prévia.* (*Corpus D&G*, p.268)

Em (1), pode-se dizer que o substantivo *diretor* está situado no pólo superior da escala, pois exibe todos os traços semânticos do agente-padrão, quer dizer, todos os traços dessa categoria são marcados positivamente: Causativo, Controlador, Animado, Responsável e Intencional. Além disso, o tipo semântico da base verbal envolvida na formação desse derivado (verbo de ação-processo) é o do agente prototípico.

Em (4), o adjetivo *reparadoras* constitui um baixíssimo grau na escala de abstração do agente-padrão. Construções desse tipo não denotam seres intencionais. Sendo adjetivos, denotam atributos ou propriedades dos seres a que se referem. Analisada à luz dos traços do complexo agentivo, *reparadoras* compartilha com o agente prototípico apenas o tipo semântico da base verbal (verbo de ação-processo) e o traço Causativo, pois o sentido da construção está orientado para o papel *Causativo*.

Observe ainda a ocorrência do deverbal *protetor* em (12). Note-se que, a despeito do tipo semântico da base verbal envolvida na formação derivada (verbo de ação-processo), *protetor* denota um produto ou substância e não um ser intencional. Assim sendo, embora o sentido do derivado seja orientado para o papel semântico *Causativo*, ele recebe, obviamente, marcação negativa em relação a todos os outros traços do agente prototípico: - *Controlador*, - *Animado*, - *Responsável* e - *Intencional*. No caso, esse derivado apresenta baixo grau de agentividade.

- (12) ... *pra passar o veraneio todo ... vá ... branco volta preto ... você pode passar protetor solar mil ...* (Corpus D&G, p. 372)

6. CONCLUSÕES PRELIMINARES

Os derivados deverbais em *-dor* se inserem, de modo geral, na categoria dos nomes agentivos, considerados como “formações que caracterizam um ser pela prática ou exercício de uma ação.” (Basílio, 1980).

O estudo que se empreendeu aqui buscou investigar em que medida o caso ‘Agente’ (definido não a partir de um traço discreto, mas de feixes de traços semânticos) se manifesta nas referidas formações derivadas, tendo constatado a relevância dos traços do complexo Agentividade na caracterização do papel semântico dessas construções. Utilizando-se os traços desse complexo, propôs-se uma escala provisória para avaliar o grau de agentividade exibido pelos derivados deverbais em *-dor*. No desenvolvimento da pesquisa, serão aplicados outros traços do parâmetro Transitividade de Hopper & Thompson.

Em etapa posterior, pretende-se também testar hipóteses relacionadas à ambivalência morfossintática dos derivados, investigando sob que condições sintático-semântico-discursivas tais construções podem ser usadas indistintamente como substantivos ou adjetivos.

REFERÊNCIAS

- BASÍLIO, M. **Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa**. Petrópolis: Vozes, 1980.
- FURTADO DA CUNHA, M. A (org.). **Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal**. Natal: EDUFRN, 1998.
- GIVÓN, T. **Syntax I and II**. Benjamins, John Publishing Co, 2001.
- _____. **Syntax**. A functional-typological introduction. v. I Amsterdam: John Benjamins, 1984.
- HOPPER, P.J. & THOMPSON, S.A. Transitivity in grammar and discourse. **Language** n. 56, p. 251-299, 1980.
- LYONS, John. **Semântica I**. Lisboa: Presença/Martins Fontes, 1977.
- TAYLOR, J.R. **Linguistic categorization**. Oxford: Claredon Press, 1995.